ANO II — Lisboa—Sabado, 19 de Outubro, de 1918 — N.º 497

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 23

Editor — João G. Santos

Telefone: C. 1033

Peço a palavra!

«Ninguem admira mais do que eu a organisação alemã.»
Deputado Cunha Leal. Do *«Diario das Sessões»*.

Com o opusculo miseravel dum tal Paulo Osorio voltou a reeditar-se de novo a divertida fábula do meu germanofilismo. Longe do mundo e do vão rumor das gentes, sempre o vozear dum ou outro herdeiro de Palma Cavalão consegue chegar até este admiravel sanatorio de silencio, em que eu ando esquecido do odio dos homens e das querelas inuteis que inutilmente os dividem. Lembrou-se, porem, de mim um pobre diabo que eu não conheço senão pela fama da sua pena que dizem ser de quem melhor lh'a pagar. Não lh'a comprou,—honra lhe seja!—, o senhor Sidonio Pais. De aí o figurar na minha humilde companhia como um germanofilo tremendo, tão incorrigivel como eu! E' uma amabilidade que devo ao autor do folheto em questão, que na enfurecida defeza do Direito, da Liberdade e da Justiça se esfalfa enfurecidamente, a atrair para a sua minuscula pessoa as atenções do lendario Oiro do Reno. Talvez por isso me não mereça o trabalho duma resposta. Mas sem mais me preocupar com as infamias do escriba, aproveito o ensejo e resolvo-me a pedir a palavra para continuar no uso das minhas razões, interrompidas a tantos de julho em pleno Parlamento por uma liberal decisão da maioria.

Dá-me direito para a fazer a proximidade já iminente da victoria. Quem eu desejei vencida pela Alemanha não foi a França,—foi a democracia que vencia a França e a entregava ao inimigo. A *«Monarquia da guerra»* impôs-se finalmente na sua formidavel verdade a um país que a cegueira dos principios arrastava para uma perdição sem remedio. No seu livro *L'erreur française* claramente o diz Lysis:—«Trata-se de saber se nós queremos sacrificar os principios á França ou a França aos principios. Se nós sacrificamos a França aos principios, é baldadamente que os nossos herois se terão mutilado e ficado enfermos, arrastando uma existencia miseravel, que as nossas mulheres terão sofrido ultrages. Nós não nos compensamos dessas desgraças pensando nos principios!» De outro modo o escrevi eu, sem as responsabilidades patrioticas de Lysis, quando Portugal não entrara ainda na guerra e eu podia livremente examinar o problema. Numa exploração inqualificavel fragmentavamo o meu pensamento arrancando-lhe apenas a parte que mais convinha ao farisaismo jacobino e forçando-o a servir uma campanha das mais difíceis de classificar. Córreu mundo, foi traduzido em francês o trecho incriminado. Saído na revista *Nação Portuguêsa* num tempo em que o barão de Rosen conversava em Belem com o senhor Bernardino Machado, os meus acusadores nem ao menos respeitaram a verdade, indicando com rigor a publicação que o estampara. Entre nós, as versões multiplicaram-se. Uma folheca de Abrantes, por exemplo, atribuiu-m'o como pronunciado por mim numa conferencia.

A quadrilha Leote, Galhardo & C.ª em comunicado á *L'Humanité*, não hesitava, por sua banda, em sustentar que pertencia a um editorial meu, aparecido na *Monarquia* já depois do sucesso do senhor Sidonio Paes. E tudo, para quê, afinal? Para que a sua empreitada anti-patriotica atingisse a desejada intervenção estrangeira, por que tanto e tão infamemente se esforçava. Não porque em espirito recto de convicção e consciencia, os *cailloutistas* de cá fossem amigos da França ou da Inglaterra. Da Maçonaria é que são aliados naturaes. Por isso se entenderam em jantaradas com Caillaux na sua volta da Argentina. Por isso, em face da condenação de Malvy não titubearam em protestar a sua inocencia. O aliadofilismo dos nossos jacobinos é de fins reservados. Não se baseia em vantagens nacionaes, num amor desinteressado de Portugal. Quem o declara é um republicano,—e um republicano que se bate destemidamente no *front*.

—«O aliadofilismo dos nossos republicanos. Trecho do livro *Nas trincheiras de Flandres* do senhor Augusto Casimiro.

Para o comprovarmos basta recortar do livro *Nas trincheiras da Flandres*, do capitão Augusto Casimiro, um dos que quis a guerra e para lá partiu prontamente, o trecho seguinte, que é deveras eloquentissimo:—«O major U... dizia-me ha dias: —«Em Portugal todos os valores andam subvertidos... Taras, eclipses do sentido moral, indisciplina, vaidades. Admiram a Alemanha por snobismo, por interesse politico, por odio... Se formos á França hão de caluniar o valor dos nossos para ter a infernal vingança de exaltar o alemão.»

«E Teixeira de Pascoaes, português e lusiada, por varias vezes na *«Aguia»*:

«Todos os portuguêses amariam a causa dos Aliados, se a superstição politica não obscurecesse o nosso espirito. O grande erro é não atingirmos a vida patriotica. **Não vêmos as Patrias,** porque a nossa miopia só nos permite ver as formas de governo. **Se sou republicano, defendo a França. Porque amo a França? Não. Porque amo a Republica.** Se eu sou monarquico, defendo a Alemanha. Porque amo a Alemanha? Não. Porque amo a Monarquia...

«O portuguez, ou ama a Republica ou a Monarquia. Se é republicano, é francofilo; se é monarquico é germanofilo com algumas honrosas excepções.»

«O português é profundamente e lastimavelmente partidarista. Trocou os *Lusiados* e a *Biblia* pelo *Seculo* e pela *Carta*...

«Não ha portuguêses. Ha politicos. Vale mais para nós o predominio do nosso partido do que a honra e a indepencia da Patria.

«Se a victoria da Alemanha assegurasse as instituições republicanas, não haveria um republicano que fosse francofilo. Se a victoria da França restaurasse a Monarquia, entre os monarquicos não haveria um germanofilo. Não ha portuguezes. Ha politicos... Portugal não existe; existem partidos.»

«E' verdade. E' assim. Em Portugal não ha germanofilos. Ha actos inconfessados de germanofilismo. O Poeta disse palavras eternas. Verdade, Verdade! E por esta patria fantasma, por esta ilusão valerá a pena morrer? Meus camaradas, meus pobres camaradas!»

Neste precioso depoimento temos duas partes a considerar. Uma,—e é a importante——, assevera terminantemente que **«se a victoria da Alemanha assegurasse as instituições republicanas, não haveria um republicano que fosse francofilo.** Confessa-o o senhor Teixeira de Pascoaes, de inclinações mais ou menos republicanos. Corrobora-o, perfilhando-o, um republicano militante, o senhor Augusto Casimiro. Como republicano, o ilustre oficial repete sinceramente a atoarda do Germanofilismo monarquico. E' o defeito de toda a inteligencia perturbada pela crendice democratica: —a sobreposição abstracta dos principios ás realidades ainda as mais sagradas. Porque os republicanos veem na sua metafisica desacreditada a republica acima da Patria, tambem na causa dos Aliados vêem, não o destino de tantas patrias comprometidas, mas o triunfo universal da democracia. A isto chama o testemunho insuspeito de Lysis á *demencia dos principios*.

Ora como somos, assim julgamos! A Monarquia, antes de ser um principio, é sobretudo o regime do *interesse nacional*. Não se conduz por simpatias romanticas, nem faz depender a sua existencia de condicionalismos de ordem exterior. E' um facto da vida interna dum povo que só a esse povo respeita. Geralmente, a Monarquia não agrada nunca, na forma ciosa do seu nacionalismo raciocinado e forte, ás convenciencias dos governos estranjeiros, que para dominarem e influirem, preferem guardar para si os regimes hereditarios, exportando para os outros países os de natureza electiva. Tal foi o caso da Alemanha depois de 71, impedindo intransigentemente a restauração da Realeza em França e facilitando a politico divisionista de Gambetta.

Não podiam, pelo exposto os monarquicos portuguezes ser gemanofilos, desde que possuissem a consciencia definida de sua convicção. O que podiam era verificar como na Alemanha não era a Alemanha que resistia, mas sim a *monarquia alemã*, como de resto, na Russia libertada, o vencido não foi o Czarismo, apesar dos seus erros, mas a democracia tão ineptamente ali inoculada e desenvolvida.

Acresce que nunca a Alemanha auxiliaria a restauração monarquica em Portugal. Primeiro, porque os monarquicos não lh'o consentiriam e porque regimes de imposição estranjeira são por via de regra os regimes republicanos. Segundo, porque, fiel ás suas tradições, á Alemanha victoriosa seria mais agradavel em Portugal a republica do que a monarquia. A republica oferecera-lhe já a *porta-aberta* em Angola. Sem grande esforço acabava por lhe entregar tudo. Não nos esqueçemos ainda das simpatias germanicas do senhor Afonso Costa, que, no fim de contas, e sem agravo para o escritor, são o patrimonio filosofico e sociologico do senhor Basilio Teles.

Adiante diremos porquê.

Mas uma simples reflexão nos serve para invalidar o pretendido germanofilismo dos monarquicos portugueses. Não é clara e sem reservas a atitude del-Rei o senhor D. Manuel, que ao assumi-la, não jugou o que tinha de mais querido e de mais nobre na sua vida,—a sua corôa? Não se congregam á sua volta a quasi unanimidade de aqueles que na Monarquia depõem a esperança da salvação da Patria? Se assim é, não mediremos individualismos de opinião facil, rumores insubsistentes de café, dialogos soltos de *mentideros* sem categoria. Uma monarquia é o que, indubitavelmente, o seu monarca for. Donde serem os monarquicos portugueses, como portugueses e como monarquicos que são, o que é inindividualmente o nosso rei. Tanto mais que oito anos não constituem tempo demasiado para olvidarmos que a republica nasceu da balburdia da Rotunda, graças ao armisticio solicitado pelo encarregado dos negocios da Alemanha.

A historia esclarecerá um dia, o que houve de casual ou de intencional nesse singularissimo pedido do diplomata germanico.

De modo que pulverisado o falso juizo do senhor Augusto Casimiro a nosso respeito, fica de pé em toda a sua enormidade, a afirmação de Teixeira de Pascoaes, *reproduzida e apoiada* pelo autor do livro «Nas Trincheiras de Flandres» de que se a vitoria da Alemanha assegurasse as instituições republicanas, não haveria um republicano que fosse francofilo».

O mundo germanofilo:—não se tornava porém, necessario que o senhor Teixeira de Pascoaes o escrevesse e nem que o senhor Augusto Casimiro o perfilhasse. Já o nosso sangue correra em Naulila quando expontaneamente o «Mundo» se encarregou de o alardear no decurso duma polemica com o jornal «A Nação», Recordando as alçadas miguelistas, numa sinceridade que nos encanta, o «Mundo» não se absteve de exclamar:—«Essas atrocidades são de tal ordem que, obrigados a escolher entre alemães e miguelistas, **nos voltariamos de braços abertos para os primeiros, certos de que, por mais miseravel que fosse o seu procedimento para conosco, por maiores que fossem as torturas exercidas sobre nós, elas não seriam nem metade das que os miguelistas puderam cometer nesta abençoada terra de que ainda se supõem donos.** Vejamos agora devagar. Sem rebuços, o «Mundo» não recuou em preferir com todos os seus flagelos a uma **situação de conquista,** um **governo de extrangeiros,** a um governo que em qualquer hipotese, com alçada a mais ou alçada a menos, sempre seria um governo de «portuguêses».

E' do seu numero 5452, de 14 de setembro de 1915 o excerto transcrito. Por mais que o «Mundo» o torça, nada ha que lhe apague o seu tremendo significado. Nem mesmo a invocação melodramatica das alçadas de D. Miguel consegue diminuir-lhe o cinismo. Sem cultivarmos os exageros da reportagem da guerra, o «Mundo» voltava-se de «braços abertos» para os incendiarios de Lovaina, para os acusados nas suas proprias paginas de tantos crimes, de tantas mutilações, de tantas ofensas á civilisação e á humanidade, procurando atenuar o seu desabafo sem perdão com o expectro já sumido das justiças miguelistas.

Bastante duras foram elas por vezes, mas **condemnavam e executavam segundo a lei**—entendeu o *Mundo* ? O numero dos sentenciados á pena ultima, no periodo que vai de 1828 a 1834, não ultrapassa o de **106 individuos**, conforme estatisticas impressas; **11** dos quais por motivos estranhos á politica, **31** por alliciação e deserção para o inimigo, e **10** por terem assassinado em Condeixa a deputação universitaria de Coimbra. Sem processo regular, ainda mais liquidou a Republica a bomba e a tiro, a cavalo marinho e nas prisões insalubres. Pois á restauração dum regime que tinha como tradição querer o garrote e o enforcamento de 106 condenados no espaço de seis anos e com a luta civil ardendo no país, opunha — e opõe — o *Mundo* a pata o inexoravel dos ginetes germanicos, o oprobrio, a desgraça, o luto nacional, numa palavra:

Opunha e opõe — repito. Secretamente, o *Mundo* não ignora que, a exemplo do que praticou em França, a Alemanha conservaria entre nós a Republica como uma fórma nominal de soberania que lhe permitisse sem encargos nem responsabilidade o desfruto pacifico da nossa patria. Tanto assim é, que já este ano com uma coerencia que no dominio das monstruosidades morais o distingue do Parlamento, o mesmo jornal iniciava uma vigorosa campanha a favor de Malvy, do traidor Malvy, do homem *que revelou ao inimigo o segredo do Chemin-des-Dames*, inutilisou sistematicamente na sua pasta do interior todas as medidas de defeza interna da França e de quem Caillaux, em carte de 4 de setembro de 1915 a Almereyda escrevia com a maior segurança: — «J'ai alors parlé à Malvy, que j'ai prié de régler lui-même la questions»!

Deste modo em 5 de agosto, inseria o *Mundo* um *suelto*, «O caso Malvy», de resposta a uma folha governamental que comentava com espirito de justiça o desenvolvimento e as surpresas do processo do traidor. Recortava o *Mundo* de *L'Humanité* algumas passagens dum seu artigo, em que **Malvy** nos aparece como vitima de «um abominavel trama de deduções jesuiticas, para em seguida concluir: —«Apezar de tudo, embora demonstrado que se trata dum manejo jesuitico» (pobres jesuitas!) «os republicanos... novos acusam, difamam e injuriam o sr. Malvy, porque ele não é «novo», é simplesmente republicano».

Por ser *«simplesmente republicano»*, tornava o *Mundo* logo em 5 de setembro á apologia de Malvy, já expulso do territorio francês. E' um retrato psicologico admiravel! Eis porque não resistimos ao gosto de aqui o arquivarmos. «Malvy está em S. Sebastian»,—observava a gazeta dos amigos do senhor Afonso Costa. «Em Paris continuam, porém, todos os reacionarios que o condenaram. Porque aqueles que contra Malvy se ergueram em juizes torvos, são conhecidos pelo seu odio á republica mancomunados esses com alguns republicanos renegados. Ao lado de Malvy»,—continua—«todo o Partido socialista, todos os sindicatos, a Liga dos Direitos do Homem, a coligação republicana, o partido radical,—afirma-o *L'Humanité*, o grande diario socialista fundado por Jaurés». E depois de ter desenrolado toda esta parada das varias organisações maçonicas, confederadas contra a Patria Francêsa, o *Mundo* terminava num desafio:—«A palavra da justiça ainda se fará ouvir, e a Malvy a França dirá então a sua eloquente desculpa».

A identificação do *Mundo* com Malvy está dentro da logica da solidariedade republicana, porque nem pela França nem por Portugal desejam os nossos democratas a victoria dos Aliados. Desejam-n'a, porque lhes parece que ela seja sem sacrificio a duração da Republica. Mas na ameaça da Monarquia não tremem de lhe preferir a dominação germanica, para quem se voltariam imediatamente de **«braços abertos»**. O elogio carinhoso que ao *Mundo* e aos seus diversos compadres na imprensa merece o *defectista* Malvy é mais um subsidio importantissimo a documentar a minha asseveração. Quem é Malvy? Ninguem ignora que era o aliado de Almereyda, a quem patrocinou até 1915 com mensalidades de 8.000 francos e que, acusado em plena camara pelo deputado Delahaye e de dispensar a sua proteção pecuniaria aos bandidos do *Bonne-Rouge* pelo menos até dezembro de 1916, senão até março do ano seguinte, não teve outra resposta a dar-lhe senão um silencio de eloquente comprovação.

Num curioso opusculo do M. de Roux —*Le défaitisme et les manœvres pro-allemandes*, é que as pessoas interessadas encontrarão os elementos suficien es para compreender a acção sinistra de Malvy, acobertando sem escrupulos *defectistas* como Sebastien Faure. A acção de Sebastien Faure sentiu-se intensamente no *front* originando episodios gravissimos. Apadrinhado, porém, pelo Ministerio do Interior, o proprio Malvy confessa que queimou com o respectivo processo todos os documentos que minuciosamente o instruiam. Só por este facto Malvy incorria na pena de reclusão, marcada terminantemente pelo artigo 439 do *Codigo Penal* francês.

Não falamos já do patrocinio concedido por Malvy a extrangeiros suspeitos, como, por exemplo, M.le Kovacs. Entrando para o *Comité* da Guerra, já se calcula o que ali faria Malvy. Esclarecemos o *A. B. C.*, de 25 de julho de 1917, em cronica do seu correspondente de Berlim: «—Os Alemães conheciam a preparação do atsque. Como? Ignoramo-lo. Um tenente-coronel do Estado-Maior, chefe dum dos grupos do exercito que defende o Chemin des Dames, declarava nos:—«Nós estavamos perfeitamente orientados: Sabiamos inclusivamente que divisões tomariam parte no assalto». De quem es informações serão, di-lo-is decerto Almereyda, já preso, se M.e Paul Morel, indo procurá-lo á prisão a seu convite, e como seu advogado, o não achasse já morto. E morto, porquê? Para que não falasse, sem duvida!

Pois, contra o parecer do Dr. Hayem que atribuiu a morte de Almereyda a intoxicação por abuso de morfina, três medicos legistas, Socquet, Vibert e Derlieux, ao examinarem no necroterio de Fresnes o corpo de Almereyda, descobriram-lhe em redor do pescoço um traço estreito e azulado, correspondendo ao cordão dos seus sapatos. A autopsia verificou em seguida a estrangulação. E comquanto o relatorio se inclinasse para o suicidio, um dos medicos admitiu, em todo o caso, a possibilidade dum crime.

Porque Almereyda não falou,—porque lhe taparam a boca para sempre, é que Malvy verancia tranquilamente em S. Sebastian. Ao seu elogio se dedicaram calorosamente trombetas do nosso inflamado jacobinismo.

E depois mandam divulgar lá por fora que os monarquicos é que são germanofilos e traidores! Como não corro o perigo de que me cortem o uso da palavra, continuarei na proxima Sessão,—não do Parlamento, mas da Opinião-Publica. E não hão-de ser apenas o *Mundo* e Mr. Malvy os figurantes!

Figurará o senhor Machado Santos com os preciosos retalhos do seu livro *«A ordem-publica e o 14 de maio»*. Figurará o senhor Mayer Garção definido germanofilo pela propria *Manhã*, figurará a *Capital*, apologista da porta-aberta em Angola, figurará até o senhor deputado Cunha Leal, que com tão arreganhado patriotismo me apontou quasi as portas duma cadeira. Por hoje, limitemo-nos a recapitular que, **«se a victoria da Alemanha assegurasse as instituições republicanas, não haveria um republicano que fosse francofilo»**; e que se o *Mundo*, amigo e aliado de Malvy, se visse obrigado a escolher entre a Alemanha e a Monarquia, **se voltaria sem hesitar de braços abertos para a primeira».**

Como medida de patriotismo, não ha nada que a exceda, concordemos!

Antonio Sardinha.

ATLAS
Companhia de Seguros
Rua do Crucifixo, 49

Justo galardão

O «Diario Nacional» aconselha ao governo a tomar sob a sua protecção as familias dos guardas que morreram no seu posto por ocasião do tragico incidente de quarta-feira. E' realmente uma medida que se impões, porque contribuirá imenso para a dedicação daqueles que teem a seu cargo a ordem publica em Portugal!

POLITICA

I — A intriga integralista e a intriga catolica

Um jornal catolico que se publica em Braga, intitulado *Actualidade*, dirigido pelo rev. Silva Gonçalves (aquele antigo senador do *Centro* que tanto deu que falar em S. Christina de Briteiros), traz no seu numero relativo a 29 de Setembro um eco a que, embora tardiamente, não podemos deixar de fazer os nossos reparos. Aparecem nele verdadeiras calunias, mentiras ali postas a frio, com a plena consciencia de que se mente,—e esses processos de discussão ou ataque são tanto mais repugnantes quanto é certo partem dum jornal catolico, que de forma alguma deveria ignorar aquele preceito christão—*não mentirás*...

Mas o jornal catolico sae fóra das normas christans de proceder, e nós não podemos deixar de lhe responder correctamente, sem agressão mas com violencia, — para assim cumprirmos aquel'outro mandamento do Senhor—*castigar os que erram*.

«Intriga integralista»,—assim se intitula o eco do jornal bracarense. Ali se nos chama uma «seita (!), que dizendo-se catolica, não perde a ocasião de ferir a Egreja e os seus homens,» e por si abaixo uma serie de arremetidas contra o integralismo, chamando-nos «excessivamente valdosos,» «lateiramente nocivos á Patria e á Religião,»— e que de nós deixaremos uma triste memoria quando resolvermos reduzirmo-nos ao silencio, por ninguem fazer caso das nossas palavras, que não chegam a ter o merito de despertar o interesse...

Isto escreve-se num jornal catolico, que acima de tudo devia ser cristão, não mentindo, não infamando, não intriganpo.

Mas a «Actualidade» não procede assim: pelo contrario: — infama, para intrigar. Senão, prove-nos quando foi que nós alguma vez fomos nocivos á Patria e á Religião?! Quando foi que nós alguma vez ferimos a Egreja e os seus homens?!

Não! Se nós alguma vez acerbamente temos atacado os «homens da Egreja» é precisamente pelo amôr que temos á Egreja que o fazemos! Se é prejudicial para a Egreja atacar os homens que a querem acorrentar a regimens politicos, prejudicando-a em proveito dos seus interesses pessoaes e mesquinhos,— então, se isso assim é, nós nunca mais levantaremos a voz em prol da Egreja contra os maus catolicos!

Ficará, depois, satisfeito o orgão do antigo senador catolico?

II—As calunias da «Actualidade»

Veremos! Mas parece-nos que sim, porquanto a nossa obra tem sido apenas uma obra de depuração, de ataque aos que querem fazer da Egreja caminho para as suas satisfações pessoaes,—e o orgão bracarense nos chama *refalsadamente, maus, hypocritas, calumiadores, mentirosos*. Anniliemos de vagar as calunias da *Actualidade*.

1) *Somos refalsadamente maus*—Porquê?—Porque fazemos o mal conscientemente; sabemos que o *Centro* é uma obra boa, etc., mas, porque não é obra nossa combatemol-o com armas desleaes, com os processos **mais infames.** (Palavras dum jornal catolico, e não do *Mundo*, acentue-se.)

Ponha-se de parte o final do errazoado que nem merece a honra duma contestação, e respondâmos á primeira parte. 1.º) o *Centro* não é uma obra boa porque, saindo do campo da pura defeza religiosa (onde seria absolutamente *neutral* em materia politica), entra no campo das realisações administrativas (onde é forçoso de ante-mão fazer escolha de regimen), mantendo perante este segundo caso uma formula habilidosa de *indiferentismo politico*,—caminho aberto para todos os faceis oportunismos, para todas as satisfações pessoaes. 2.º) não combatemos o *Centro* por não ser obra nossa, mas sim porque saindo fóra do primeiro caminho acima apontado, entra resolutamente no segundo pretendendo acorrentar a Egreja á republica. 3.º)... de onde se conclue que a *Actuglidade* mente, para intrigar.

2) Somos hipocritas, porque odiamos de morte o *centro* e os seus homens, e no entanto, queremos passar, para os nossos inconfessaveis fins, por seus membros, etc., —escreve o orgão do rev. Silva Gonçalves. Responda por mim o redactor-principal deste jornal, o nosso querido amigo dr. Antonio Sardinha, no seu artigo «Não ha maneira !», aqui publicado em 28 de agosto de 1917:

...«Ora a *indiferença politica*, que não *neutralidade*, do *centro* pelas fórmas de governo, se eu a soubesse na altura da minha adesão, não a teria enviado. **Não a enviaria nenhum integralista, porque, catolicos que sejamos, não podemos nunca pertencer a uma organisação que preconisa o indiferentismo perante um dos pontos mais basilares, senão o mais basilar, do do problema nacional.»**

...De onde se conclue que a *Actualidade* mente, para intrigar...

5) Somos caluniadores porque afirmamos (sic) que a *Ordem* suspendeu as *Cartas da Belgica* por entendimentos com a Maçonaria, e que a *Liberdade* se encontra a soldo da mesma Maçonaria.

Alto, senhores da *Actualidade* ! Nós não *afirmamos issso com um desplante inacreditavel* ! Apenas nos limitamos a notar as coincidencias deveras interessantes de a *Ordem* suspender as *Cartas da Belgica* em tal momento politico, e da unidade de vistas sob um problema religioso entre a *Liberdade* e certos jornais maçonicos. Daí a *afirmar* que a *Liberdade* estava a soldo da Maçonaria vai uma grande distancia... De onde se conclue que a *Actualidade* mente, para intrigar..

4) Somos, finalmente, mentirosos, porque apodamos o *Centro* de republicano, sabendo muito bem que ele não faz questão de regimen, e, *se não é monarquico, muito menos é republicano.*

Sim senhor! Muito menos é republicano do que monarquico,—mas não tem duvidas em se colocar ao lado dos republicanos contra os monarquicos, não tem duvidas em se aliar com a republica (regimen maçonico que nada pode dar á Egreja) pondo de parte a Monarquia,—o unico regimen que á Egreja concede a garantia de todas as suas liberdades e previlegios. Não é isso ser republicano? E' então ser neutro?

...D'onde mais uma vez se prova quaes são os intuitos intriguistas da *Actualidade* bracarense...

III — O Integralismo e o Catolicismo

Evidenciados que ficam os intuitos mesquinhos do jornal catolico de que é director o antigo senador do *Centro*, Silva Gonçalves, resta-nos afirmar que o caso está entregue á *Junta Provincial do Minho*, a cuja frente se encontra, como presidente, o nosso ilustre e dedicado correligionario senhor Conde de Vila Pouca.

Resta-nos agora, para finalisarmos esta resposta ao bracarense jornal catolico, anotar ainda umas afirmações da *Actualidade*.

São aquelas em que se pretende fazer crêr que nós não podemos ser catolicos, e que na *Actualidade* se escrevem assim:

Catolicos são sómente aqueles que, baptisados, estão em comunhão com a cabeça visivel da Igreja, o Romano Pontifice. Ora, para estar em comunhão com o Romano Pontifice, é necessario estar em comunhão com o seu parocco, que por sua vez o está com o seu bispo, e este finalmente com o Papa.

Não ha catolicos de outra maneira. Não se pode desobedecer ao seu parocco e ao seu prelado, e comtudo dizer-se catolico. Examinem os integralistas a sua consciencia, e digam-nos, se podem, que não desobedecem sistematicamente aos seus parocos e aos seus prelados, e consequentemente á Santa Sé.

Que especie de catolicos, logo, pretendem ser? E com que autoridade dictam leis aos catolicos, se pela sua conducta estão afastados da Igreja Catolica?

Mais uma vez o jornal catolico calunia e infama. Em que estamos nós afastados da Igreja Catolica? Em que desobedecemos nós á Santa Sé?

Em materia politica não podemos desobedecer, porque em materia politica não é preciso obedecer á Santa Sé, neutral na questão politica. Uma coisa é politica, outra é religião. Será então em materia religiosa? Então que nos apresentem os catolicos da *Actualidade* ou do *Centro* as provas de que nós estamos fóra da ortodoxia catolica. Que apresentem doutrinas aqui defendidas que incorram nas penas aplicadas aos hereticos! Serão capazes disso? Tentem!

Veremos depois então quem é que está desobedecendo aos ensinamentos tão claros da Egreja, pela boca dos seus mais gloriosos Pontifices: se nós, que constantemente combatemos a mentira democratica—maçonica, seguindo os ensinamentos de tão gloriosos Pontifices,—se os catolicos do *Centro*, constantemente transigindo com a ordem democratico-maçonica, tão bem personificada na republica que o *Centro* por vezes tem auxiliado.

Lamento não ter aqui espaço para

Mais um Integralista com a Cruz de Guerra



Acaba de ser condecorado com a Cruz de Guerra o alferes de artilharia José Augusto Brandão Pereira de Mello, valoroso soldado da Galiza e dedicado defensor do Integralismo que com as hostes de Couceiro entrara em Chaves quando das incursões.

O movimento Integralista não morre. Cada v.z chegam a nós mais energias e mais dedicações. E as glorias dos soldados do Pelicano são outros tantos incitamentos a quem fez desta campanha o unico fito da sua vida! Noutro logar publicamos a citação em que na Ordem do Exercito foi louvado o nosso querido amigo. Ela é um verdadeiro espelho do valor do moço Heroe! Bem representada está a nossa Causa no campo do sacrificio. E' Anibal de Azevedo, exportado no posto de alferes sob a acusação de derrotista que em pouco tempo conquistov os galões de capitão em sucessivos combates. E' o alferes Portugal e Mello, soldado da Galiza tambem, ferido em combate por diversas vezes. E' Alexandre Cabeças—o primeiro Martyr da nossa Cruzada que tomba esperançadamente na imensa sangueira de 9 de Abril, depois de levar a tantas almas a semente da Boa Causa. E' finalmente Augusto Telo, moça energia de valente que nessa mesma chacina perde a liberdade, encontaando-se actualmente prisioneiro dos alemães!

Uma Causa que tem destes soldados a defende-la não morre! Revive sempre nos altos feitos dos vivos e na memoria dos Mortos cuja herança nos cumpre respeitar!

«Louvo o alferes miliciano do 2.º grupo de bateria de artilharias, José Augusto Brandão Pereira de Mello, pela coragem e sangue frio que mostrou no dia 1 do corrente não hesitando em se dirigir á 4.ª secção da sua bateria quando esta, e os caminhos que para lá conduziam, estavam a ser bombardeados, afim de fazer continuar o seu fogo que tinha parado devido a baixas nas guarniçõas e avarias no material; pela dedicação, pelo serviço e valor que mostrou, não abandonando o seu posto até final do combate, apezar de ferido e fortemente atacado pelos gazes.